

# NOS BASTIDORES DA ARQUITETURA DO OURO: ASPECTOS DA PRODUÇÃO DA ARQUITETURA RELIGIOSA NO SÉCULO XVIII EM MINAS GERAIS

**Selma Melo Miranda**

I.A.P.H. de Minas Gerais, Brasil

No final do século XVII, quase duzentos anos após o descobrimento, o êxito das pesquisas de pedras e metais preciosos alterou completamente o quadro de colonização brasileira. Grandes levadas migratórias rapidamente ocorreram para a região de Minas Gerais impulsionadas pelo mito das serras resplandecentes e pela possibilidade de enriquecimento fácil. Formou-se em poucas décadas uma considerável rede urbana, que reuniu brasileiros, reinóis e africanos.

Até a metade dos setecentos, as povoações estabilizaram-se e a vida urbana adquiriu contornos mais precisos. À euforia da riqueza, porém, logo se seguiram os sinais de arrefecimento da produção aurífera o que, entretanto, não impediu o importante movimento cultural verificado até as últimas décadas do século.

A vida social foi marcada por intensa religiosidade. Com a proibição do estabelecimento de ordens religiosas seculares, afirmaram-se as irmandades e ordens terceiras, geralmente compostas segundo o critério de distinção racial, com preferências devocionais exclusivas.

No campo da produção artística e arquitetônica, desenvolveram-se peculiaridades na interpretação dos padrões culturais transplantados, as quais já foram bastante analisadas pelos estudiosos. Nos últimos anos, porém, o assunto vem merecendo revisões críticas, com a rediscussão de importantes aspectos historiográficos, salientando-se os estudos da Prof. Myriam Ribeiro de Oliveira. Destacaremos, aqui, alguns desses aspectos e colocaremos reflexões preliminares e novas indagações sobre as igrejas da região central da mineração, especialmente do grupo identificado como *borrominico* por John Bury<sup>1</sup>.

São conhecidos os passos da trajetória evolutiva dessa arquitetura, os quais repassaremos, aqui, resumidamente. Ao longo do século XVIII, sucederam-se expressões do manierismo, do barroco e do rococó, mas praticamente não se pode encontrar composições estilisticamente unitárias. A orientação barroca, conformando o manejo dos repertórios estilísticos, teria, tanto contaminado o manierismo persistente, quanto subvertido a interpretação do rococó.

Inicialmente prevaleceram partidos retangulares, com corredores laterais à nave e à capela-mor, tendo desaparecido, até os meados do dezoito, os corredores da nave. Entre os anos 1730 e 1760, ao lado da continuidade dos planos retangulares, surgiram experimentos arquitetônicos que constituíram pressupostos para as igrejas produzidas no terceiro quartel, algumas delas internacionalmente reconhecidas por suas peculiaridades. notáveis são a magnífica solução decagonal da nave da Matriz de Nossa Senhora do Pilar em Ouro Preto (1736) repetida depois, por volta de 1750, na Matriz também dedicada à Senhora do Pilar na cidade de Pitangui<sup>2</sup>, e os extraordinários planos

---

<sup>1</sup> BURY, John. "As Igrejas 'Borrominicas' do Brasil Colonial". In: *Arquitetura e Arte no Brasil Colonial*. Org. Myriam Ribeiro de Oliveira. São Paulo: Nobel, 1991. pp. 103-135

<sup>2</sup> A igreja, infelizmente, foi consumida pelo fogo em 1914

elípticos das igrejas de Nossa Senhora do Rosário em Ouro Preto e de São Pedro dos Clérigos em Mariana, datados dos anos 1750.

No mesmo período apareceu, também, o plano de nave em retângulo de ângulos cortados, através de estrutura decorativa em madeira inserida no interior da nave da Matriz da Conceição de Antônio Dias em Ouro Preto. Em 1758, teria alcançado o arcabouço de alvenaria, inclusive com as torres giradas a 45°, no projeto da Igreja Matriz de São João Batista em Barão de Cocais, e sido suprimido em 1762, quando o projeto foi reformulado, não pelo Aleijadinho como se acredita, mas por José Coelho, tendo sido mantidas, porém, as torres em diagonal.

Este tipo de plano não se difundiu em Minas Gerais. Entretanto, como já assinalamos em outra ocasião<sup>3</sup>, foi muito comum a colocação oblíqua dos altares do arco-cruzeiro, o que possivelmente constitui uma expressão parcial daquele plano, presente, não somente em interiores da segunda metade dos setecentos, como nas Matrizes de Nossa Senhora do Bonsucesso em Caeté e de Santo Antônio em Itaverava, mas também em exemplos mais antigos como o de Nossa Senhora de Nazaré em Cachoeira do Campo<sup>4</sup>.

A partir da década de 1760, divulgou-se o uso das superfícies curvilíneas sabiamente harmonizadas a planos lineares, em obras como a Igreja de São Francisco de Assis em Ouro Preto (1765) e o adro do Senhor Bom Jesus de Congonhas (1773?). No início dos anos 70, inaugurou-se o emprego de fachadas sinuosas na igreja de Nossa Senhora do Carmo em Ouro Preto, levado muito mais longe, uma década mais tarde, por Francisco de Lima Cerqueira nas ilhargas da nave de São Francisco em São João del Rei.

Nesta fase do processo chamamos a atenção para duas questões importantes. A primeira delas diz respeito ao papel realmente desempenhado por Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, na definição dos rumos que tomaria a arquitetura religiosa mineira no terceiro quartel dos setecentos. Se não há dúvida quanto à extraordinária importância de sua contribuição, é preciso, no entanto, por um lado, definir com maior rigor os limites de sua atuação no campo do projeto e da obra de arquitetura, e, por outro, como salientou a Prof. Myriam Ribeiro de Oliveira<sup>5</sup>, considerar a destacada atuação de mestres portugueses aqui estabelecidos, entre ao quais citamos, especialmente, Francisco de Lima Cerqueira, Manuel Francisco de Araújo e José Pereira Arouca.

Seguindo as revisões críticas da citada professora, colocamos, também, em questão a autoria de Antônio Francisco nos projetos originais da Igreja de São Francisco de Assis em Ouro Preto e do adro do Senhor Bom Jesus de Matozinhos em Congonhas, bem como nas primeiras modificações do risco da igreja ouropretana de Nossa Senhora do Carmo.

Como já assinalamos em ocasião anterior<sup>6</sup>, acreditamos que na primeira igreja o mestre teria passado a interferir na obra como arquiteto apenas a partir de 1774, quando elaborou o risco da nova portada e reformulou detalhes do

---

<sup>3</sup> MIRANDA, Selma Melo. "Arquitetura Religiosa em Minas Gerais: Os planos poligonais". In: *Portugal-Brasil / Brasil-Portugal: as duas faces de uma realidade artística*. Lisboa, CNCDP, 2000. p. 94-105

<sup>4</sup> É interessante, ainda, a possibilidade de que aquele partido arquitetônico esteja na origem da excepcional série tipológica mineira de capelas de plano retangular e frontarias facetadas com torre central desenvolvida ao longo do século XIX

<sup>5</sup> OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. "Barroco e Rococó na Arquitetura Colonial Mineira". *Revista do IAC*. Ouro Preto n°1, Dez. 1994. pp. 13-19, e "Uma percepção estética do barroco e do rococó nas Igrejas de Nossa Senhora do Pilar e São Francisco de Assis de Ouro Preto". *Revista do IAC*. Ouro Preto n°3, Dez. 1996. pp. 4-9

<sup>6</sup> MIRANDA, Selma Melo. "Arquitetura Barroca: Análise e Linhas Prospectivas". *Barroco*, Belo Horizonte (Brasil), n° 18, 2000.

frontispício. Quanto à autoria do risco original, sugerimos inicialmente a investigação do nome do Doctor Antônio Pereira de Souza Calheiros e, especialmente, o do mestre pedreiro e canteiro Francisco de Lima Cerqueira. Se este atuava como consultor de confiança dos terceiros carmelitas ouropretanos na obra de sua igreja, entendemos que, como irmão franciscano, poderia ter sido chamado a intervir na primeira fase da construção do templo de sua própria Ordem, talvez modificando um projeto vindo de Portugal.

É importante considerar, também, o fato de ter ele sido convocado pela mesma Ordem, não para atuar como louvado, mas para assistir à importante louvação de entrega da obra de pedra, realizada em julho de 1777. Entre outros aspectos já discutidos, se lembrarmos que, no caso da nave da Matriz de Nossa Senhora do Pilar em Ouro Preto, Antônio da Silva, o autor do risco do forro, pés direitos e o mais participou da louvação de entrega da obra, tendo sido, na ocasião, ouvido pelos louvados antes da emissão do parecer final, podemos supor que Francisco de Lima tenha sido chamado para assistir à referida louvação da igreja franciscana por estar de alguma forma envolvido com o projeto e a obra.

A avaliação de sua trajetória profissional autoriza a suposição, pois atuou como arquiteto e mestre pedreiro e canteiro em alguns dos mais importantes empreendimentos construtivos em Minas Gerais. Exemplos de seus trabalhos de arquitetura são os projetos da fachada e torres da Igreja de Nossa Senhora do Carmo em São João del Rei (1787) e de um novo frontispício para a Matriz de Nossa Senhora do Pilar da mesma cidade os detalhes desenhados para a Igreja de Nossa Senhora do Carmo em Ouro Preto, e, sobretudo, as modificações do risco do Aleijadinho para o templo franciscano de São João del Rei, as quais permitem considerá-lo como co-autor da excepcional obra<sup>7</sup>.

A segunda questão que gostaríamos de comentar refere-se à reinterpretção formal de antigos modelos no processo de renovação da arquitetura do terceiro quartel dos setecentos mineiro. Citamos especialmente o caso do plano do célebre templo dos terceiros franciscanos de Ouro Preto que, ao nosso ver, constitui uma talentosa recriação do tipo de nave em retângulo de ângulos cortados com torres giradas a 45°, enriquecida pelo uso de superfícies convexas. Na frontaria, em lugar do recuo do corpo central verificado nas Igrejas de Nossa Senhora da Conceição da Praia, em Salvador, e do Senhor Jesus da Piedade em Elvas, o arquiteto optou por uma versão, em linhas curvilíneas, da solução presente na Igreja de São Pedro em Ponta Delgada, nos Açores, datada de 1737, e na modesta e pouco divulgada Capela de Nossa Senhora do Pilar em Taubaté, no Estado de São Paulo, Brasil, cuja obra foi contratada em 1748. Na igreja ouropretana, a brilhante solução do problema de articular as torres à nave sem desvalorizar o plano central da fachada completa-se pela colocação do átrio à frente da linha da fachada tradicional, preenchendo o espaço à frente das torres<sup>8</sup>.

Portanto, partiu-se de antigo plano empregado inicialmente em Portugal nos últimos anos do século XVII que difundiu-se largamente na primeira metade do século seguinte em igrejas construídas de norte a sul do país. Contudo, é importante ressaltar que, nas igrejas portuguesas, não se empregou a fachada

---

<sup>7</sup> Além das citadas acrescentamos outras obras a investigar, como o adro de Congonhas e o corpo central da fachada da Igreja de Santo Antônio em Ouro Branco.

<sup>8</sup> Em Ouro Preto, a Igreja do Carmo também reproduz parcialmente o partido de nave em retângulo de ângulos cortados, com os planos em diagonal retos restritos à cabeceira da nave. Robert Smith fez observações a respeito em: SMITH, R. "Aspectos da Arquitetura de Basílica da Conceição da Praia". In: *O Bi-centenario de um Monumento Ballano*. Salvador, Editora Beneditina, 1971 (Coleção Conceição de Praia, 2). p. 114

facetada, tendo as torres giradas a 45° sido adotadas em apenas quatro exemplares no mundo luso-brasileiro.

### **A aplicação de sistemas de proporção à concepção dos projetos – uma primeira aproximação**

*“ A eleição de uma linha reguladora marca a geometria básica do trabalho... É um meio para se chegar a um fim; não é uma fórmula.”*

Le Corbusier, *Por uma Arquitetura*

Entre os aspectos ligados à produção da arquitetura religiosa mineira no século XVIII destacaremos o emprego de sistemas de proporção como instrumento na elaboração de projetos, sem pretender mais do que alinhar idéias preliminares. Nossa pesquisa encontra-se em fase inicial e proporemos, aqui, algumas hipóteses, trabalhando com grandes limitações, não só quanto ao suporte documental e bibliográfico, mas também quanto ao levantamento e representação gráfica dos edifícios.

O assunto não mereceu ainda a devida atenção dos estudiosos. Sylvio de Vasconcellos fez observações iniciais sobre a adoção de traçados reguladores na concepção da fachada da Igreja de São Francisco de Assis em Ouro Preto<sup>9</sup>. E, em razão disto destacou-a em relação a outras de mesma época, as quais não apresentariam um sistema racional e erudito de proporcionalidade que inter-relacionasse as diversas partes do edifício. No entanto, análises preliminares indicam que essa igreja não teria sido o único caso de aplicação de um esquema modular básico ao projeto e que, ao contrário, diversos templos mineiros teriam tido suas plantas geradas por uma modulação geométrica que estende-se às fachadas e à todo o edifício.

Adotados sob formas distintas, sistemas de proporção constituíram instrumento básico para a elaboração de projetos arquitetônicos desde a Antigüidade, a proporção quase sempre vista como um dado essencial à expressão da beleza de um edifício e, também, quase sempre, comportando conteúdos simbólicos. Na trajetória da arquitetura ocidental, a tradição pitagórico-platônica constituiu, segundo Wittkower, “... a coluna vertebral de todas as considerações sobre as proporções ...”<sup>10</sup>, prolongando-se até o século XVIII, mas interessa observar que, enquanto “... a Idade Média favoreceu a geometria pitagórico-platônica, (...) o Renascimento e os períodos clássicos preferiram a faceta numérica, ou seja, aritmética desta tradição.”<sup>11</sup>

Posteriormente, regras de proporcionalidade caíram em desuso, quando a proporção passou a ser vista como prerrogativa pessoal do artista, e a submissão a normas preestabelecidas uma interferência em sua intuição. No século XX, o Modulor de Le Corbusier resgatou a importância dos sistemas proporcionais aparecendo, “... à luz da história como um intento fascinante de ligar a tradição com nosso mundo não euclidiano”<sup>12</sup>.

Na arquitetura religiosa mineira, focalizaremos inicialmente os planos das igrejas ouropretanas dedicadas a São Francisco de Assis e a Nossa Senhora do

---

<sup>9</sup> VASCONCELLOS, Sylvio de. “Construções Coloniais em Minas Gerais”. In: *Arquitetura-Dois Estudos*. Goiania, MEC/SESU/PIMEG-ARQ/UCG, 1983. 2ª ed. pp. 35-61. Alex Nicollaeff apresentou comunicação sobre o tema no II Encontro Mineiro de Pesquisadores do Barroco. Tiradentes/MG, 1985

<sup>10</sup> WITTKOWER, Rudolf. *La arquitectura en la Edad del Humanismo*. Barcelona, Gustavo Gili, 1979. p. 530

<sup>11</sup> *Ibidem*, p. 533

<sup>12</sup> *Ibidem*, p. 538

Carmo, ambas iniciadas no ano de 1766 e com projetos originais modificados na década de 1770. O confronto das plantas das duas igrejas confirma o emprego de um mesmo padrão de dimensionamento, pois, apesar de pequenas variações na profundidade das sacristias, inserem-se elas em um retângulo composto de quatro quadrados. O palmo de 22 cm é a unidade básica de medida, e o lado do quadrado equivaleria a 60 palmos, ou treze metros e vinte centímetros, considerando a medida no eixo das paredes. Átrio e nave estão inscritos em um duplo quadrado e a capela-mor, até o sacrário do altar, completa o triplo quadrado.

Examinando outras obras, como a Igreja de Santa Efigênia em Ouro Preto, cuja construção iniciou-se em 1733, verifica-se que teria sido empregado um dispositivo de dimensionamento semelhante. No caso, a sacristia não alcança por inteiro o quarto quadrado, mas o conjunto átrio, nave e capela-mor insere-se no retângulo formado pelo triplo quadrado de sessenta palmos de largura, e a variação talvez tenha se originado de problemas com a profundidade do terreno.

Observa-se, ainda, que o mesmo esquema dimensional pode ter sido aplicado, também, ao planejamento de igrejas como as de São Pedro dos Clérigos em Mariana e de Nossa Senhora do Rosário em Ouro Preto, com seus planos em elipses entrelaçadas. Como em Santa Efigênia, há variações nas dimensões das sacristias, pois parece que padronizava-se a modulação básica dos principais espaços sagrados, ficando mais livre o dimensionamento dos espaços secundários. De fato, o conjunto nave, átrio e capela-mor está compreendido no triplo quadrado, sendo que os dois primeiros são definidos pelo duplo quadrado e a última encontra-se inteiramente compreendida no terceiro quadrado, no que diz respeito apenas à dimensão longitudinal. A largura máxima da elipse da nave nas duas igrejas é igual a treze metros e vinte centímetros.

Voltando aos templos franciscano e carmelita de Ouro Preto, as observações feitas levam à suposição de que, mais do que um simples esquema de dimensionamento de plantas, teriam os projetos sido inteiramente gerados através de um sistema de modulação geométrica que inter-relaciona todas as partes do edifício, incluindo, portanto, as elevações e a volumetria. Trata-se, possivelmente, de variante do sistema ad quadratum que consiste em sobrepor a um quadrado básico, outro quadrado girado a 45°, no qual inscreve-se novamente outro quadrado, e assim sucessivamente.

Ainda conforme Wittkower<sup>13</sup>, esse sistema baseia-se no método de duplicação ou divisão por dois da superfície de um quadrado que teria sido inventado por Platão. Publicado no Livro IX de Vitruvius, o mesmo método apareceu mais tarde, em 1521, na edição vitruviana ao cuidado de Cesariano. Na mesma época, fins do século XV e início do século XVI, pedreiros alemães publicaram métodos maçônicos tradicionais, destacando-se o livro *Sobre os Pináculos*, de Röricher, editado em 1486, que apresenta o método da trama do quadrado girado a 45°.

Além do quadrado simples, havia uma trama mais complexa desenvolvida a partir do duplo quadrado<sup>14</sup>. Neste caso, segundo indicações que deverão ainda ser investigadas com rigor, forma-se, através da sobreposição de um terceiro quadrado que passa pelas intercessões internas dos quadrados básicos, uma figura de doze pontas que corresponderia à representação simbólica da Santíssima Trindade.

---

<sup>13</sup> Ibidem, p. 533

<sup>14</sup> Em ambos os casos, seja o cuadrado simples ou o duplo, é possível traçar o tipo de nave em retângulo de ângulos cortados.

Aplicando o esquema às plantas dos dois templos ouropretanos, verifica-se que os vértices, intercessões e lados dos quadrados definem pontos importantes do projeto, como as larguras de fachada, da portada, do cancelo, do arco-cruzeiro, do tapavento e das torres. Na igreja franciscana fica clara a concepção da parte fronteira, com as torres recuadas giradas a 45° e o corpo central do frontispício projetados sobre a trama formada pelos dois primeiros quadrados superpostos, definindo-se, ainda, as faces oblíquas do arco-cruzeiro e outros detalhes. Cabe lembrar que desenhamos apenas as linhas básicas da malha modular e, como sua subdivisão reduz-se até o palmo, muitos outros pontos dos projetos estariam a ela amarrados.

Passando à análise das elevações, verifica-se que a altura do corpo central dos frontispícios até o entablamento é também definida pelo lado do quadrado básico adotado na planta, ou seja, mede sessenta palmos. Os vértices dos quadrados a 45° assinalam, ora a largura da frontaria, considerando-se a projeção da cornija, ora os eixos das pilastras externas. Em São Francisco de Assis, o segundo quadrado marca a base dos pináculos das torres, cuja terminação é assinalada pelos vértices do quadrado girado a 45°, enquanto no Carmo essa correspondência não se verifica, em parte, talvez, por imprecisão de levantamento e desenho.

Outros detalhes das frontarias enquadram-se na malha modular e são por ela dimensionados. Da mesma forma, na elevação interna do templo franciscano, as alturas da portada, do piso e arco do coro, do forro da nave e de outros elementos teriam sido definidas a partir da trama dos quadrados interpenetrados<sup>15</sup>.

A análise de outras igrejas mineiras situadas na linha evolutiva das enfocadas anteriormente, a exemplo de São Francisco de Assis em São João del Rei (1774) e de Nossa Senhora do Carmo em Mariana (1782), traz indicações interessantes sobre o tema em estudo. No templo sanjoanense, pelo menos em planta, teria sido adotado o mesmo sistema de modulação<sup>16</sup>. A nave está inscrita no duplo quadrado e sua largura, incluindo a alvenaria, é assinalada pelo vértice do quadrado girado. Há, aqui, entretanto, uma variação importante em relação às igrejas estudadas, porquanto o duplo quadrado abriga apenas a nave, não incluindo o átrio. Este fato, porém, não contraria a hipótese de que o projeto tenha sido regido pela mesma orientação, pois o retângulo do átrio corresponde à metade do quadrado, ou seja, sua profundidade equivale a trinta palmos.

Quanto à igreja carmelita de Mariana, embora a nave possua a largura relacionada com a dimensão de sessenta palmos do lado do quadrado básico, não foi adotado o duplo quadrado na definição de sua profundidade, talvez por imposição do terreno, comprimido entre a praça e o casario posterior. No dimensionamento da capela-mor observa-se a presença das regras proporcionais em questão, sendo importante ressaltar que a altura do corpo central do frontispício até a linha superior do entablamento equivale a sessenta palmos.

Constatada, portanto, nesta igreja datada da penúltima década dos setecentos, a presença, ainda que com variações, do esquema de modulação dos demais edifícios, é possível propor a hipótese de que a aplicação do sistema teria se estendido por todo o século XVIII, até certo ponto independentemente da expressão formal. Já referimo-nos ao seu emprego no segundo quartel do mesmo século na Igreja de Santa Efigênia de Ouro Preto, o que ocorre, com algumas

---

<sup>15</sup> Em São Francisco de Assis será necessário estudar o esquema geométrico dos desenhos existentes no reboco da parede do corredor lateral directo da capela-mor, extraordinário documento remanescente da obra no qual vêem-se detalhes do frontão.

<sup>16</sup> Não foi, ainda, realizado o levantamento métrico completo do edifício, contando-se apenas com desenhos relativamente imprecisos das plantas.

diferenças, na Matriz de Nossa Senhora da Conceição de Antônio Dias (1727) da mesma cidade. Nesta, a dimensão longitudinal da planta corresponde aproximadamente à seqüência dos quatro quadrados, a nave e o átrio estão inseridos no duplo quadrado, e a capela-mor tem o camarim do altar definido pelo lado do terceiro quadrado. A largura da nave aparentemente não se relaciona diretamente ao módulo de sessenta palmos, mas na capela-mor, a largura, incluindo os corredores, coincide com os vértices do quadrado girado.

É interessante observar, ainda, que as diferenças formais das igrejas indicam que o emprego de sistemas de proporções não representam uma camisa de força, mas um princípio ordenador que orienta o conjunto, não impedindo a criação de novas soluções ou de adaptações para acomodação às dimensões e condições topográficas.

Não temos referências sobre a adoção desse sistema em outras regiões brasileiras, mas em Portugal, Filipe Diniz demonstrou convincentemente que a trama do quadrado girado foi utilizada na concepção do projeto da Igreja do Menino Deus em Lisboa (1711)<sup>17</sup>. Acreditamos que a análise de outros templos brasileiros e portugueses dos séculos XVII e XVIII poderá revelar a extensão de seu emprego na arquitetura do período.

Em Minas Gerais, outros exemplos que à primeira vista parecem ter sido regidos pelo mesmo esquema e que deverão ser investigados são as Matrizes de Nossa Senhora do Pilar em Ouro Preto (1731) e de Nossa Senhora do Bonsucesso em Caeté (1756), e a Igreja do Senhor Bom Jesus de Matozinhos em Congonhas (1757).

### **O uso de um modelo simbólico ou mera conexão sem fundamento?**

Há, ainda, uma questão que colocaremos de passagem para estudos posteriores. Perguntamos se a organização dos espaços sagrados – nave, capela-mor e átrio - em um triplo quadrado de cento e oitenta palmos de comprimento e sessenta palmos de largura, comum às igrejas estudadas, estaria relacionada a algum modelo arquitetônico tradicional.

Sabe-se que, em diversos momentos da arquitetura do ocidente, uma referência tomada para a construção de edifícios religiosos foi o templo construído por Salomão em Jerusalém. Segundo o texto bíblico, seu esquema arquitetônico consistia em um triplo quadrado de sessenta côvados de comprimento e vinte côvados de largura precedido por meio quadrado de dez côvados de profundidade e vinte de largura, compreendendo o pórtico, o duplo quadrado do Santo e o quadrado do *Santo dos Santos*<sup>18</sup>.

Poderíamos, então, conectar tal esquema ao das igrejas mineiras no qual encontramos o triplo quadrado formado pelo duplo quadrado da nave e pelo quadrado da capela-mor?

Uma avaliação preliminar indica que sim, pois, embora nestas, o átrio, que corresponderia ao pórtico do Templo, encontra-se incorporado ao duplo quadrado da nave, na Igreja de São Francisco de Assis em São João del Rei, como vimos, foi ele destacado à frente da nave e sua profundidade corresponde à metade do lado do quadrado, como no mencionado modelo salomônico.

Quanto à altura definida no texto bíblico para o Santo, o exame preliminar das igrejas franciscana e carmelita de Ouro Preto mostra

---

<sup>17</sup> DINIZ, Filipe Blanch. "A Igreja do Menino Deus-algumas especulações à volta de seu modelo geométrico". Lisboa, *Vértice*, nº 3. 1988.

<sup>18</sup> O *Santo* media quarenta côvados de comprimento por vinte de largura e trinta de altura, enquanto o *Santo dos Santos* constituía um volume com vinte côvados de comprimento por vinte de largura e vinte de altura (Reis, I, 6, 20)

correspondências proporcionais se considerarmos a distância do piso até a peanha da cruz do frontispício. No caso da altura do Santo dos Santos, em São Francisco, a correlação se dá com a altura do piso até a face da abóbada da capela-mor<sup>19</sup>. Será preciso, no entanto, elaborar análises mais rigorosas em todos os casos.

Importa observar, ainda, que a dimensão de sessenta palmos do lado do quadrado básico possivelmente usado na modulação das igrejas estudadas corresponderia a vinte côvados, considerando que o côvado lisboeta equivaleria a três palmos<sup>20</sup>.

Diante disso perguntamos novamente: seriam intencionais essas referências ao Templo de Salomão, cujo prestígio como modelo teria, portanto, atravessado séculos e percorrido imensas distâncias, para prolongar-se entre as montanhas de um longínquo território da América quase três mil anos depois de construído?

Por enquanto não podemos responder com segurança, mas acreditamos que a questão merece ser investigada. Como assinalamos linhas atrás o modelo do Templo constituiu uma referência para a arquitetura religiosa do Ocidente em ocasiões diversas, tendo sido discutido em vários estudos. Segundo Rickwert<sup>21</sup>, no século XVI, os jesuítas Villalpanda e Prado conceberam uma reconstrução clássica (1596-1604) que teve prestígio até o século XVIII, apesar de críticas de eruditos bíblicos e teóricos da arquitetura.

Antes dos quinhentos, outras publicações haviam tratado do tema e, posteriormente, no século XVII, citam-se, a maquete da versão villalpandiana de Jacob Jehudah León (1642), muito admirada nos Países Baixos, os trabalhos de John Lightfoot (1650) e Louis Coppel (1657), este dedicado também ao trabalho de Villalpanda, a versão anticlássica de Claude Perrault (1678), a maquete, também villalpandiana, do arquiteto Johann Jacob Erasmus de Hamburgo (1694), exposta na Inglaterra antes de 1720, e o tratado de arquitetura de Juan Lobkowitz (1678).

Além disso, a ordem do Templo de Villalpanda foi considerada em trabalhos de arquitetura como os de Fréart de Chambray (1650) e Guarini (1686). Entre outras referências, em 1721, Fischer von Erlach, ilustrou o Templo de Jerusalém de acordo com o modelo villalpandiano e, nos anos 1740, estudos favoráveis e contrários ao mesmo modelo publicados no *Thesaurus Antiquitatum Sacrarum* de Biagio Ugolino renovaram a antiga polêmica<sup>22</sup>.

Voltando à arquitetura religiosa de Minas Gerais, será importante relacionar, tanto a modulação ad quadratum quanto as referências ao modelo salomônico, à cultura dos arquitetos e mestres de obra que aqui trabalharam no século XVIII. As informações nesse campo são bastante limitadas e não se tem notícias seguras sobre a formação e fontes de atualização desses profissionais. Sabe-se que eram conhecidos tratados de arquitetura quinhentistas, e é possível que tenham circulado publicações mais recentes, como as de Fischer von

---

<sup>19</sup> No caso desta última igreja, seria absurdo relacionar, ainda, as colunas do frontispício com o par de colunas da entrada do Templo?

<sup>20</sup> *BARROCO Mineiro: Glosario de Arquitetura e Ornamentação*. Affonso Ávila, João Marcos Machado Montijo, Reinaldo Guedes Machado. Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro. Centro de Estudios Históricos e Culturais. 1996, p. 211

<sup>21</sup> RYKWERT, Joseph. *La casa de Adán em el Paraíso*. Trad. Justo G. Beramendi. Barcelona: Gustavo Gili, 1974. pp. 156-169

<sup>22</sup> Idem



Erlach, de Guarini (reedição em 1737), ou do Padre Inácio da Piedade Vasconcelos, “Artefactos Symmetricos e Geometricos” (1733)<sup>23</sup>.

No âmbito da arquitetura portuguesa dos séculos XVI e XVII, a atuação dos arquitetos era marcada por uma formação que se assentava, tanto na tradição corporativa medieval e nos sistemas pitagórico-platônicos de proporções, quanto na tratadística italiana<sup>24</sup>. Tratava-se de, segundo Varela Gomes,

“... uma cultura “secreta”, quase “de seita”, dogmática e fechada sobre si própria mas extremamente eficaz no seu não pragmatismo porque manuseava soluções funcionais e “de série”(...) uma cultura das geometrias (e não das ordens clássicas) que tendia para métodos de projetos baseados em regras ocultas e numa sabedoria muito própria das proporções e dos ritmos.”<sup>25</sup>

Na virada do século XVII para o XVIII, o mesmo estudioso informa que essa cultura procurava renovar-se através do regresso à arquitetura de ordens clássicas, mantendo algumas de suas características antigas<sup>26</sup>. Será necessário investigar os desdobramentos desse processo ao longo dos setecentos mineiro, suas projeções e sua permanência.

Outras questões se impõem, importando, por exemplo, perguntar em que medida estariam os esquemas de proporcionalidade ainda associados a antigos conteúdos simbólicos e se eles situavam-se, não apenas no campo restrito do saber dos profissionais da arquitetura, mas no universo mais amplo da cultura da sociedade mineradora.

Tantas indagações, tantas histórias. Por enquanto não pretendemos mais do que identificar os múltiplos caminhos de pesquisa a percorrer no sentido de maior entendimento da cultura arquitetônica e artística do século XVIII no Novo Mundo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BURY, John. *Arquitetura e Arte no Brasil Colonial*. OLIVEIRA, Myriam Ribeiro de. (Org.) São Paulo: Nobel, 1991.

DINIZ, Filipe Blanch. A Igreja do Menino Deus - algumas especulações à volta do seu modelo geométrico. *Vértice*, Lisboa, n. 3, jun. 1988, p. 41-45.

GOMES, Paulo Varela. As Iniciativas Arquitectónicas dos Teatinos em Lisboa, 1648-1698 (mais alguns elementos). *Penélope*, n. 9/10, p. 73-82, 1993.

GOMES, Paulo Varela. O Regresso à Ordem (e às Ordens) – Aspectos da Cultura Arquitectônica em Portugal na Época do Padre Inácio da Piedade Vasconcelos (1676-1747). *Barroco*, Belo Horizonte, n. 15, p. 147-157, 1990-2. MIRANDA, Selma Melo. *Arquitetura Barroca: Análise e Linhas Prospectivas*. Belo Horizonte, Barroco, n. 18, 2000. pp. 220-235.

---

<sup>23</sup> Sobre este tratado ver o excelente artigo de Paulo Varela Gomes: O Regresso à Ordem (e às Ordens) – Aspectos da Cultura Arquitectônica em Portugal na Época do Padre Inácio da Piedade Vasconcelos (1676-1747). *Barroco*. Belo Horizonte, nº 15. 1990-2. pp. 147-157

<sup>24</sup> DINIZ, Filipe B. op. cit. p. 44

<sup>25</sup> GOMES, Paulo Varela. “As iniciativas Arquitectónicas dos Teatinos em Lisboa, 1648-1698” (mais alguns elementos). *Penélope*, n. 9/10, p. 73-82, 1993

<sup>26</sup> Ídem

\_\_\_\_\_. Arquitetura Religiosa em Minas Gerais: Os planos poligonais. Portugal-Brasil / Brasil Portugal: as duas faces de uma realidade artística. Lisboa, CNCDP, 2000. p. 94-105. OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. Barroco e Rococó na Arquitetura Colonial Mineira. Revista do IAC. Ouro Preto, n. 1, dez. 1994, p. 13-19.

\_\_\_\_\_. Plantas Poligonais e Curvilíneas no Barroco Brasileiro: Classificação Tipológica. Barroco, Belo Horizonte, n. 17, 1993-6, p. 299-303.

\_\_\_\_\_. Uma percepção estética do barroco e do rococó nas Igrejas de Nossa Senhora do Pilar e São Francisco de Assis de Ouro Preto. Ouro Preto, Revista do IFAC, n. 3, dez. 1996, p. 04-09.

PENNICK, Nigel. Geometria Sagrada: Simbolismo e intenção nas Estruturas Religiosas. Trad. Alberto Feltre. São Paulo: Pensamento, 1989.

RYKWERT, Joseph. La casa de Adán em el Paraíso. Trad. Justo G. Beramendi. Barcelona: Gustavo Gili, 1974.

VASCONCELLOS, Sylvio de. Construções Coloniais em Minas Gerais. In: Arquitetura – Dois Estudos.. Goiânia: MEC/SESU/PIMEG-ARQ/UCG, 1983. 2ª ed. p. 35-61. p. 53 e 54.

WITTKOWER, Rudolf. La Arquitectura en la Edad del Humanismo. Barcelona: Gustavo Gili, 1979.

Agradecimentos especiais a instituições e pessoas que possibilitaram nossa presença em Sevilha: Secretaria de Patrimônio do Ministério da Cultura / Brasil, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais-IEPHA-MG, Jurema Machado, Tarcísio Ferreira Gomes e Júlio Lustosa.